

[informe)ieb

n. 9 | agosto.2019

[

)
| [)
| [)

Instituto de
Estudos
Brasileiros



)

[editorial)

Esta nova edição do **Informe IEB** evidencia o engajamento do Instituto na divulgação de seu acervo por meio da curadoria e participação em mostras e da publicização de manuscritos inéditos.

A presença do IEB na exposição “Museu global: micro-histórias de um Modernismo ex-cêntrico”, realizada em Düsseldorf (Alemanha), de 10 de novembro de 2018 a 10 de março de 2019, é o objeto do texto escrito por Daniela Piantola e Elisabete Marin Ribas, respectivamente chefe do Serviço de Biblioteca e arquivista do Instituto. Reunindo obras do Brasil, México, Japão, Geórgia, Índia, Nigéria e Líbano, e abrangendo um recorte temporal de 1910 a 1960, a mostra, com curadoria de Melanie Vietmeier, tinha o propósito de “exaltar, a partir de micro-histórias, os vários ‘movimentos modernistas’ ocorridos em diversas partes do mundo, saindo do eixo dito ‘ocidental’ de estudos da história da arte, tantas vezes focado apenas na Europa Central ou na América do Norte”, segundo as autoras.

Outras duas exposições emergem nos relatos recolhidos neste **Informe IEB**. Ambas feitas na Sala de Exposições Marta Rossetti Batista. O primeiro, sob a pena de Diana Vidal, remete à Exposição “Pontos de entremeio de Grande sertão: veredas”, acontecida em maio deste ano. O segundo, apresentado por José Cláudio Sooma Silva, discorre sobre “Em defesa da educação pública: Fernando de Azevedo no IEB (1927-1968)”, mostra ainda aberta à visitação pública até 18 de outubro de 2019. A reinauguração da Sala de Exposições Marta Rossetti Batista é motivo de júbilo para o Instituto, que, com a iniciativa, fechou o ciclo da mudança de sede e retomou o pleno funcionamento de suas atividades-fim.

Além de menções à extroversão do acervo por meio de mostras, no **Informe IEB**, encontramos a reflexão de Angela Teodoro Grillo sobre o manuscrito **Preto**, da lavra de Mário de Andrade. De acordo com a pesquisadora, trata-se de “356 documentos – notas de trabalho/leitura; dois artigos e uma conferência preparada para ser apresentada nas comemorações do Cinquentenário da Aboli-

ção por ele organizadas enquanto diretor do Departamento da Cultura da municipalidade de São Paulo, em 1938”. Angela realça uma mudança de perspectiva de Mário de Andrade com respeito à situação do negro no Brasil. Se até 1939 o escritor afirmava que qualquer negro poderia alcançar um lugar de poder, no texto **Linha de cor** essa visão viria a se alterar. A publicação do manuscrito traz novas sendas à investigação brasileira sobre as questões étnico-raciais.

O revisionismo da historiografia propiciada pela investigação no acervo do IEB emerge ainda em outro artigo, este de autoria de José Cláudio Sooma Silva. A mostra a que ele faz remissão integra o conjunto de ações relativas ao seminário “Educação no IEB: interfaces possíveis com o Acervo Fernando de Azevedo”. Congregando pesquisadores e pesquisadoras da USP, Unesp, Unifesp, Unicamp, UERJ, UFRJ e Unitau, o evento teve por mote a discussão sobre a trajetória profissional de Fernando de Azevedo no campo educacional e trouxe à baila um rico debate sobre o passado e o presente da educação nacional em suas várias interfaces com a política editorial, a filosofia da educação e a história da educação brasileiras.

O **Informe** inclui também a contribuição de Sandra Nitrini, ex-diretora do Instituto, que discorre sobre a inauguração da

Galeria dos Dirigentes. Composta de fotografias de antigos diretores e vice-diretores – e aqui o masculino é genérico, posto haver um número significativo de mulheres nos cargos de dirigentes da instituição –, a Galeria presta homenagem “aos que se dispuseram a se dedicar a tarefas ora árduas, ora extremamente gratificantes, com vistas ao contínuo aprimoramento da pesquisa, da produção científica, do ensino e das atividades de cultura e extensão, da guarda e expansão de seus acervos”, de acordo com a autora. Serve ainda, segundo Nitrini, “para registrar e lembrar continuamente a história da instituição”. A cerimônia ocorreu na sala do Conselho Deliberativo no dia 25 de abril e incluiu a inauguração de quadro que reproduz a ata da primeira reunião do Conselho Administrativo do IEB, realizada em 30 de janeiro de 1964, sob a presidência de Sérgio Buarque de Holanda, então diretor do Instituto.

Que estes relatos suscitem o interesse por conhecer mais profundamente o patrimônio sob a guarda do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo!

Boa leitura!

Diana Vidal
Diretora – IEB/USP



Mostra “Pontos de entremeio de Grande sertão: veredas”
Foto: Pedro Bolle

[aconteceu)



Vista panorâmica de uma das salas dedicadas ao Modernismo brasileiro.
Foto: Melanie Vietmeier

Modernismo com sotaque

IEB participou da exposição “Museu global: micro-histórias de um Modernismo ex-cêntrico”, em Düsseldorf (Alemanha)

Esta história começa em março de 2017, quando o IEB recebeu aquela que parecia ser mais uma pesquisadora dentre as centenas que recebemos. Seu nome é Melanie Vietmeier, gentil alemã que ama o calor brasileiro. Desde o início, impressionou-nos sua habilidade com a língua portuguesa. Aos poucos, o domínio da língua tornou-se apenas mais um atributo de tantas qualidades. Melanie realizava conosco minuciosa pesquisa sobre o Movimento Modernista Brasileiro, buscando no acervo itens que ilustrassem o que ela tinha lido em livros. Levantou dados durante meses, entrevistou pesquisadores de referência na área do Modernismo brasileiro e, após intensas semanas de trabalho, Melanie retornou para a Alemanha.

No fim daquele mesmo ano, o IEB recebeu o convite do museu Kunstsammlung Nordrhein-Westfalen, localizado na simpática cidade de Düsseldorf, na Alemanha, para participar da exposição “Museu global: micro-histórias de um Modernismo ex-cêntrico” (“Museum global: Microhistories of an ex-centric Modernism”). Pelos olhos da então curadora Melanie Vietmeier, foram selecionados e emprestados 14 itens originais do acervo do Instituto, dentre livros, documentos e mapas, que ilustraram a mostra aberta em 10 de novembro de 2018 e encerrada em 10 de março deste ano de 2019.

Representando o Modernismo brasileiro, ao lado dos originais do IEB, estiveram presentes obras de outras instituições paulistanas, como a Pinacoteca do Estado de São Paulo, o Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado (MAB/FAAP), o Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo (AACPG) e o Museu Lasar Segall.

A proposta da exposição – como o próprio nome ilustra – era exaltar, a partir de micro-histórias, os vários “movimentos modernistas” ocorridos em diversas partes do mundo, saindo do eixo dito “ocidental” de estudos da

história da arte, tantas vezes focado apenas na Europa Central ou na América do Norte. Além do Brasil, tiveram participação no projeto países como México, Japão, Geórgia, Índia, Nigéria e Líbano, abrangendo um recorte temporal de 1910 a 1960.

A exposição foi fruto de um projeto de pesquisa que se iniciou nos idos de 2015, envolvendo a coleção de arte do estado federal da Renânia do Norte-Vestfália, em Düsseldorf (Kunstsammlung Nordrhein-Westfalen), em cooperação com o Departamento de História da Arte Global do Centro de Heidelberg para estudos transculturais na Universidade de Heidelberg, sob a supervisão científica da profa. dra. Mônica Juneja.

A seguir, reproduzimos trecho da proposta expositiva que surgiu dessa pesquisa.

Desde o final da década de 1990, tem crescido de forma intensa o interesse por uma perspectiva histórica globalizada do Modernismo – que por muito tempo significou as tendências artísticas de vanguarda que se desenvolveram durante o século XX em Viena, Paris, Berlim e mais tarde em Nova York. Mas, além das fronteiras da Europa e da América do Norte, também houve centros de produção de arte que formularam posições independentes que iam além do “modernismo ocidental” ou se engajavam no confronto com ele. Com ponto de partida na coleção permanente do estado da Renânia do Norte-Vestfália, fundada em 1961, o projeto de pesquisa e exposição “museu global” reorienta nosso foco, até então ocidental, em direção a um modernismo “ex-cêntrico” para narrar as micro-histórias de manifestações artísticas selecionadas que foram articuladas nos anos entre 1910 e 1960 no Japão, Geórgia, Brasil, México, Índia, Nigéria e Líbano. Para esses desenvolvimentos contribuíram trocas artísticas multidimensionais, encontros de viagem, correspondências, publicações e participações em exposições.

A publicação de um texto programático em Tóquio em 1910; uma exposição pioneira realizada em Moscou em 1913; manifestações artísticas em São Paulo em 1922; encontros internacionais, viagens e diálogos: todos são centrais para as micro-histórias narradas pela exposição “Micro-histórias de um Modernismo ex-cêntrico”. Serão apresentados artistas selecionados que são representantes de um modernismo global que recebeu pouca atenção na Alemanha até o momento. Nas galerias do K20 – reservadas até aqui para o Modernismo europeu – obras de Yorozu Tetsugoro, Niko Pirosmanni, Lasar Segall, Anita



Capa do convite das exposições que compõem o projeto “Museu global”. Do lado esquerdo, destaque para a exposição de abertura do projeto – “Paul Klee: uma coleção em trânsito”. Do lado direito, a obra **Encontro**, de Lasar Segall, dá o tom para o que virá na mostra “Micro-histórias de um Modernismo ex-cêntrico”, da qual o IEB fez parte

Malfatti, Tarsila do Amaral, Diego Rivera, Frida Kahlo, Amrita Sher-Gil, Saloua Raouda Choucair, Uche Okeke, Colette Omogbai e muitos outros serão apresentadas por vários meses.

Criadas no contexto de um Modernismo ex-cêntrico, elas sugerem as possibilidades inerentes a diferentes perspectivas e constelações. E levantam questões, ainda hoje urgentes, intimamente ligadas a uma perspectiva pós-colonial: como emergem as identidades nacionais e culturais? [...] Qual é a influência cultural e política de viagens, encontros e intercâmbios estrangeiros?

(tradução livre do inglês e alemão)

Disponível em: <https://www.kunstsammlung.de/forschen/museum-global.html>

Enfim, trata-se de um projeto que dialoga diretamente com as propostas interdisciplinares do próprio IEB.

Os setores e serviços do Instituto envolvidos para o sucesso desse projeto foram a Direção, o Arquivo, a Biblioteca e o Laboratório de Conservação e Restauro, além de toda a ajuda logística oferecida pela área Administrativa e Financeira. Registra-se um agradecimento especial ao Serviço de Importação/Exportação da Reitoria da USP,

na pessoa de Maria Regina de Faro, e às colegas Sylvia Helena Mota, Roxane Alves Machado Nazareth e Ana Cláudia Vasconcellos Magalhães, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

E, como não poderia deixar de ser, esta história começa com Melanie Vietmeier e termina com nosso muito obrigado à sua dedicada curadoria. Responsável pela seleção do que seria exposto em relação ao

Brasil, o convite de Melanie Vietmeier veio engrandecer mais uma vez nosso acervo, possibilitando mostrarmos ao mundo algumas das preciosidades que guardamos.

Mais informações: <http://www.kunstsammlung.de/en/museum-global.html>

Daniela Piantola
Biblioteca IEB/USP
Elisabete Marin Ribas
Arquivo IEB/USP



Detalhe de vitrine onde estava exposta parte dos itens do acervo do IEB. Foto: Melanie Vietmeier

[eventos)

Por um maio infinito

Como parte integrante do evento Infinitamente maio, ocorrido no IEB, de 13 a 16 de maio, para exaltar a obra de Guimarães Rosa e, em particular, comemorar o lançamento pela Companhia das Letras de uma nova edição de *Grande sertão: veredas*, a mostra “Pontos de entremeio de Grande sertão: veredas” abriu ao público a Sala de Exposições Marta Rossetti Batista. De feitiço modesto, tomando apenas uma pequena parte dos 390 m2 disponíveis, a exposição representou um marco na história recente do IEB: inaugurou o espaço expositivo e evidenciou suas potencialidades para acolher novas mostras. Aliás, a partir de junho abrimos uma nova exposição “Em defesa da educação pública: Fernando de Azevedo no IEB (1927-1968)”, constitutiva do seminário “Educação no IEB: interfaces possíveis com o Acervo Fernando de Azevedo”, noticiado também neste *Informe IEB*.

Lançamento da nova edição da Companhia das Letras

Desde que se iniciou o processo de mudança do Instituto para

a nova sede no Espaço Brasiliana, haviam sido suprimidas as mostras. Objetos da Coleção de Artes Visuais, livros da Biblioteca e documentos do Arquivo foram embalados e encaixotados para transporte, inibindo assim sua exibição. A própria sala de exposições do antigo prédio ficou inabilitada, posto que todos os esforços da equipe estavam concentrados na logística do deslocamento, que se revelou uma verdadeira operação de inteligência, com duração de quase dois anos. Desde agosto de 2018, instalado no magnífico edifício projetado pelos escritórios dos arquitetos Eduardo de Almeida e Rodrigo Mindlin Loeb, o IEB ansiava pela reabertura do espaço expositivo, concluindo, assim, o ciclo da mudança e anunciando que se iniciava uma nova fase com o Instituto em pleno funcionamento.

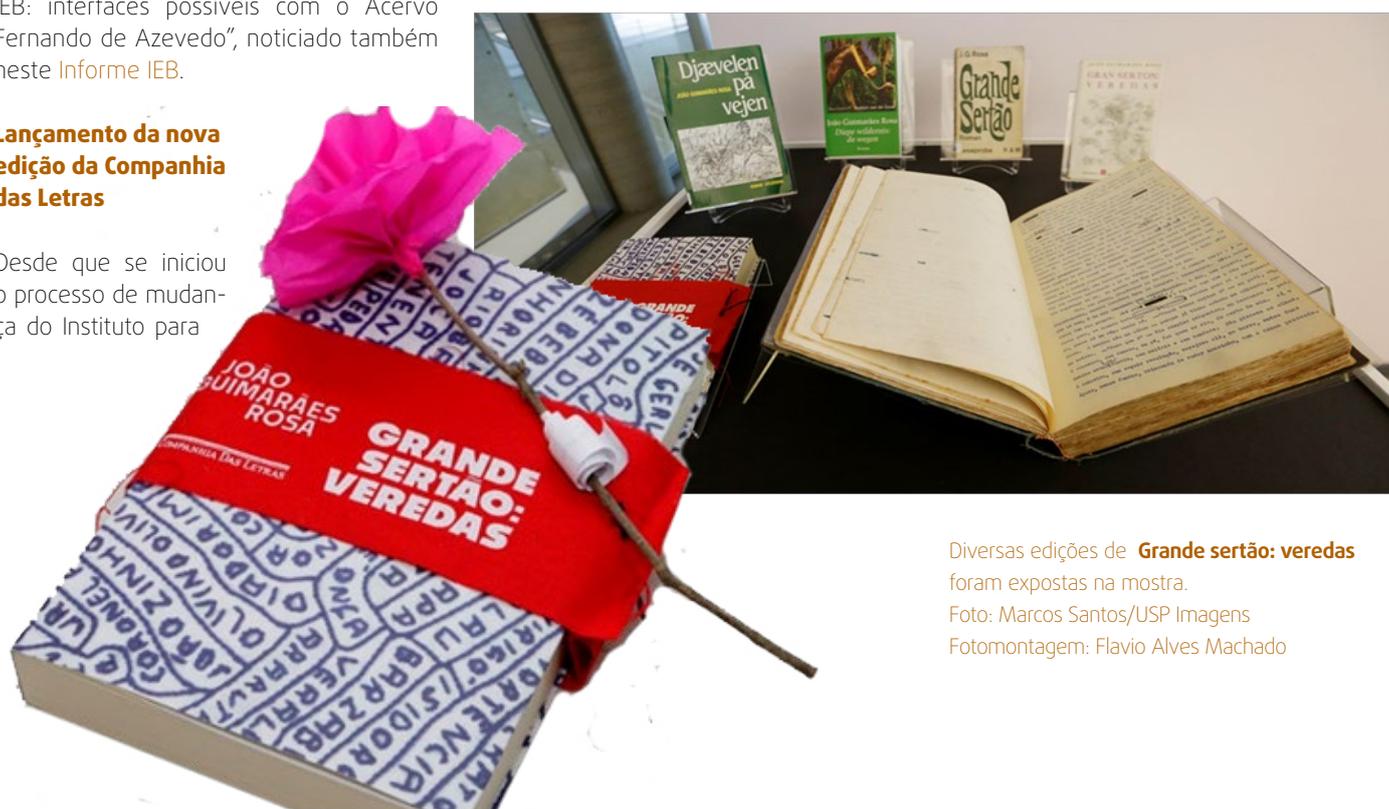
A oportunidade de exibir os documentos do Fundo Guimarães Rosa, pertencentes ao Arquivo do IEB, o datiloscrito de *Grande sertão: veredas*, emprestado pela Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, e as



edições em vários idiomas do romance, existentes na Biblioteca do IEB, recriando o processo criativo de elaboração das primeiras listas de palavras até a obra e sua publicação, foi o mote que congregou docentes e especialistas e viabilizou a produção da mostra.

A inauguração da Sala Marta Rossetti Batista em um maio que se quis infinito é, portanto, auspiciosa. Traz no seu bojo a semente do futuro e os augúrios de que esse espaço expositivo seja palco constante de eventos, frequentado regularmente por visitantes e infinitamente dedicado à celebração das culturas e do patrimônio brasileiros.

Diana Vidal
Diretora – IEB/USP



Diversas edições de *Grande sertão: veredas* foram expostas na mostra.

Foto: Marcos Santos/USP Imagens

Fotomontagem: Flavio Alves Machado

[entrevista)

Pesquisadora fala sobre obra inédita de Mário de Andrade que trata de questões étnico-raciais no país

Em entrevista ao *Pernambuco* (Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado), a pesquisadora Angela Teodoro Grillo explica por que *Estudos sobre o negro*, uma das partes dadas como inexistente por pelo menos 60 anos, é uma das mais valiosas reflexões do modernista Mário de Andrade sobre o racismo no Brasil.

Por quais motivos os Estudos sobre o negro, nomeados pelo autor como Preto, demoraram tanto para serem localizados no arquivo de Mário de Andrade?

Prefiro explicar por que ele foi encontrado. Desde 2005, realizo minhas pesquisas no acervo de Mário de Andrade guardado no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP). Em 2007, meu mestrado estava inserido em um projeto temático dedicado aos arquivos da criação do escritor, financiado pela Fapesp e coordenado pela professora Telê Ancona Lopez. Como parte do meu trabalho, competia-me fazer a classificação de dez manuscritos do autor, entre eles o dossiê intitulado *Preto*. Quando cheguei a ele, me dei conta de que estava diante de um documento muito importante e até então desconhecido. Percebi ali que o Mário pesquisador da cultura brasileira estava preocupado em compreender a presença da cultura negra. O primeiro motivo que me fez chegar a esse manuscrito foi fazer parte de uma pesquisa científica dedicada à organização, catalogação, análise e democratização dos manuscritos do

escritor. O segundo aspecto fundamental foi meu interesse pela presença da cultura de matriz africana na obra de Mário de Andrade. Se estamos diante de um artista/intelectual modernista que se preocupa com o “encontro das três raças”, como se dizia na época, para compreender a identidade brasileira, eu me perguntava onde estaria a contribuição da cultura negra na obra dele. No *Preto* encontrei a porta para entender isso.

Há também a questão da nomeação do manuscrito, de acordo com a lista deixada pelo autor...

Pouco antes de morrer, Mário deixou uma lista de suas Obras Completas, no total de 20 volumes. Em relação ao volume de número 13, ele indicou *Aspectos do folclore brasileiro*, que deveria ser constituído de três partes: *O folclore no Brasil*, *Estudos sobre o negro* e *Nótulas folclóricas*. Oneyda Alvarenga, discípula de Mário, após a sua morte, encontrou no arquivo do escritor a primeira e a terceira partes, porém não localizou a segunda e substituiu o núme-



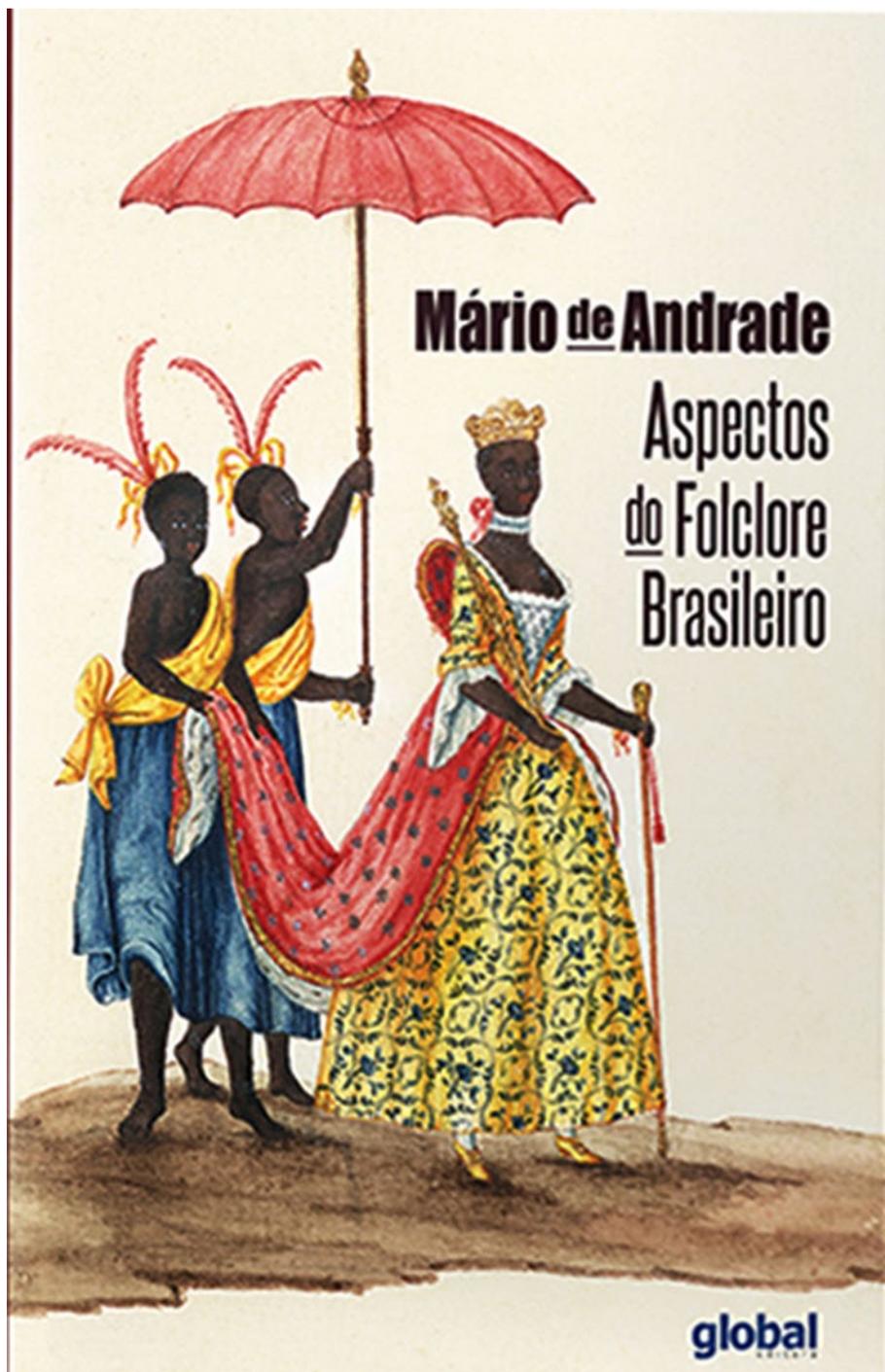
Angela Teodoro Grillo.
Foto: Aline Fatima

ro 13 por **Música de feitiçaria no Brasil**. No entanto, a parte tida como inexistente foi por mim identificada no manuscrito **Preto**, composto de 356 documentos – notas de trabalho/leitura; dois artigos e uma conferência preparada para ser apresentada nas comemorações do Cinquentenário da Abolição por ele organizadas enquanto diretor do Departamento da Cultura da municipalidade de São Paulo, em 1938.

A publicação de **Aspectos do folclore brasileiro** viabiliza, portanto, a edição de uma obra planejada, interrompida pela morte do escritor. Como outras edições da equipe Mário de Andrade (IEB/USP), inclusive que estão no prelo, busca-se recuperar o projeto original do escritor, na medida em que se estabelecem as relações entre manuscritos, leituras e correspondência. Essa edição, além de um dossiê, conta com dois posfácios escritos pelas professoras Ligia Fonseca Ferreira e Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti. Ainda que a mudança de título de **Preto** para **Estudos sobre o negro** não tenha tido tempo de ser feita por ele, a análise e a interpretação dos documentos permitiram a identificação desses documentos como a segunda parte do projeto vislumbrado pelo autor. Essa segunda parte reúne textos (com notas de pesquisa) em que Mário de Andrade está pensando sobre a origem e em que medida se dá a violência contra o negro no Brasil. É interessante notar que se no artigo e na conferência ele afirma que qualquer negro no Brasil pode alcançar um lugar de poder, a seguir, em 1939, o escritor muda de opinião, como podemos ver desde o título daquele que considero seu texto mais importante sobre o tema, o **Linha de cor**.

Portanto não procede dizer que Mário de Andrade se esquivava em alguma medida dessa discussão, exatamente no momento em que se discute sobre as três raças no país?

Cada vez mais me refiro ao Mário como um intérprete do Brasil. Como outros intelectuais brasileiros e latino-americanos, ele procura entender o que nos torna sin-



gular em relação ao europeu, por exemplo. Mário tem ideias semelhantes e que muito antecedem o que conhecemos hoje como “estudos culturais” e “pós-coloniais”. Ele procura ouvir e registrar a voz do subalterno e não falar por ele. Para Mário de Andrade, não há hierarquia entre cultura popular e cultura erudita. Quando pensamos em cultura brasileira, evidentemente a cultura de matriz africana está presente, e o interesse por ela pode ser identificado em toda sua obra. Seja como pesquisador, crítico ou artista, há a presença negra em toda sua poesia e também nos estudos que realiza sobre outras manifestações artísticas, como o ensaio sobre Aleijadinho, em que destaca que estamos diante da obra de

um gênio **mulato**, termo bastante recorrente na época. Ao abrirmos cada vez mais os olhos para obra de Mário de Andrade e de outros artistas afro-brasileiros, vemos que o tema está presente na obra deles, mas não podemos compreendê-los com os paradigmas de hoje, mas do momento deles. Por isso, considero que Mário não se esquivou, ao contrário, sua obra afirma a valorização da cultura de matriz africana e a denúncia da violência contra o negro.

Conferir entrevista completa: <http://bit.ly/2YSb6dn>

Angela Teodoro Grillo
Pós-doutoranda – USP

[Notícias do IEB)



Profa. dra. Diana Gonçalves Vidal (USP), profa. dra. Sonia Câmara (UERJ), prof. dr. José Cláudio Sooma Silva (UFRJ) e profa. dra. Rachel Duarte Abdala (Unitau)
Foto: André Luiz Paulilo

Evento e exposição propõem novos olhares para o passado educacional do Brasil

Nos dias 12, 13 e 14 de junho o IEB acolheu, no seminário “Educação no IEB: interfaces possíveis com o Acervo Fernando de Azevedo”, pesquisadoras e pesquisadores de diferentes Universidades: Diana Gonçalves Vidal (USP), José Cláudio Sooma Silva (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ), André Luiz Paulilo (Universidade Estadual de Campinas – Unicamp), Armando de Castro Cerqueira Arosa (UFRJ), Sonia Câmara (Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ), Rachel Duarte Abdala (Universidade de Taubaté – Unitau), Maria Rita de Almeida Toledo (Universidade Federal de São Paulo – Unifesp), Pedro Angelo Pagni (Universidade Estadual Paulista – Unesp), Denise de Al-

meida Silva (IEB/USP), Elisabete Marin Ribas (IEB/USP). As atividades aconteceram nos turnos da manhã e da tarde e tiveram como núcleo aglutinador alguns aspectos relacionados à atuação político-profissional de Fernando de Azevedo e de outras educadoras e educadores em certos momentos da história da educação no Brasil.

As ideias partilhadas, os debates construídos e as provocações lançadas concorreram para realçar a necessidade, cada vez maior, de prestigiarmos diversos olhares para o passado educacional. Esse mergulho no ontem deve ser acompanhado não apenas pela tentativa de buscar explicações e/ou encontrar respostas conciliadoras para o presente, mas, sim, pelo anseio de colocar em relevo o quão diferentes já foram os sujeitos sociais – as mulheres, os homens, as crianças – em seus respectivos períodos históricos. Nessa direção, se refletir historicamente significa, sobretudo, problematizar as ações, projetos, disputas, negociações desses sujeitos no decurso do tempo, por que não pensar igualmente os métodos, as práticas, os saberes escolares, as políticas públicas e os debates na arena educacional sob o signo da historicidade?

A indagação sobre a historicidade das

muitas dimensões que estiveram (e continuam) envolvidas na área da educação no Brasil se apresenta como fundamental. Isso porque estimula um distanciamento analítico daquela, por assim dizer, *abordagem retórica* da história que com frequência permanece sendo evocada para tratar da educação. Tal abordagem, por um lado, exalta o emprego de determinados jargões (“ao longo do tempo”, “nas últimas décadas”, “no decurso do tempo” etc.) que, ao fim e ao cabo, colaboram por subsumir, justamente, as ações e experiências dos sujeitos sociais frente às necessidades, possibilidades e exigências de cada época. Por outro lado, e em concomitância, enfatiza aqueles aspectos que dizem respeito à mirada salvacionista da educação ancorada em projeções e expectativas que ultrapassam em muito aquilo que está na esfera de atuação das educadoras e educadores.

No evento, juntamente com as mesas de trabalho, foi inaugurada a exposição “Em defesa da educação pública: Fernando de Azevedo no IEB (1927-1968)”, que ficará aberta à visitação até o dia 18 de outubro. Composta de documentos salvaguardados no Acervo de Fernando de Azevedo, a mostra foi organizada a partir de três eixos principais: “Em defesa da educação laica, gratuita, pública e única”; “Em defesa do conhecimento científico” e “Em defesa da universidade pública e, em particular, da USP”.

Projetar o foco para a historicidade das circunstâncias intra/extramuros escolares, das políticas públicas educacionais, dos posicionamentos de Fernando de Azevedo e daquelas e daqueles que ousaram se arriscar na arena social e das três *Defesas* que nortearam a orquestração da exposição caracteriza-se como um movimento escriturário que pode assumir múltiplos significados que, com certeza, serão construídos pelos leitores deste texto e visitantes do IEB. Dentre eles, sublinho a preocupação em iluminar outras possibilidades interpretativas para refletir sobre o passado educacional em suas permanências, mas, também, nas suas rupturas. Nesse sentido, ao indiciar as proximidades e as diferenças de outros tempos em relação à nossa contemporaneidade, talvez consigamos perceber que não há motivo algum para que encaremos o hoje como algo impossível de ser debatido ou, quem sabe até, modificado.

José Cláudio Sooma Silva
Docente – Faculdade de Educação
Universidade Federal do Rio de Janeiro
(UFRJ)

[homenagem)



Inauguração da Galeria dos Dirigentes do IEB

No dia 25 de abril foi inaugurada a Galeria dos Dirigentes do IEB, na sala do Conselho Deliberativo. Doze diretorias, de 1962 a 2018, colaboraram para o desenvolvimento e a consolidação das atividades deste centro multidisciplinar de pesquisas e documentos sobre a história e as culturas do Brasil, reconhecido nacional e internacionalmente há muito tempo.

A partir de 1982, as diretorias passaram a ter mandatos a cada quadriênio. Os dois primeiros foram bienais, tendo sido o primeiro diretor do IEB, Sérgio Buarque de Holanda, seu criador, e o primeiro vice-diretor, Aroldo de Azevedo. Sérgio Buarque de Holanda tornou-se vice-diretor no segundo mandato, cujo diretor foi Egon Schaden. Mandato duradouro foi o de José Aderaldo Castello, diretor, e Kneese de Mello, vice-diretor, de 1966 a 1981.

Desde então, coordenaram o Instituto por quatro anos as seguintes diretorias: Myriam Ellis e Carlos Drumond (1982-1986), Ruy Gama e Heloísa Liberalli



A professora Diana Vidal, atual diretora, os ex-diretores Maria Angela Faggin Pereira Leite, Ana Lucia Duarte Lanna, Antonio Dimas e Sandra Nitrini
Foto: Pedro Bolle

Bellotto (1986-1990), José Sebastião Witter e Marta Rossetti Batista (1990-1994), Marta Rossetti Batista e Antonio Dimas (1994-1998), Murillo Marx e Yêda Dias Lima (1998-2002), István Jancsó e Heinz Dieter Heidemann (2002-2006), Ana Lucia Duarte Lanna e Marta Rosa Amoroso (2006-2010), Maria Angela Faggin Pereira Leite e Marina de Mello e Souza (2010-2014) e Sandra Margarida Nitrini e Paulo Teixeira Iumatti (2014-2018).

Preservar a memória e valorizar todos os que trabalharam pela consolidação de uma instituição é o objetivo da Galeria dos Dirigentes. Faz parte do código institucional a exposição das fotos das

diretorias uma ao lado da outra, respeitando a cronologia dos mandatos, não apenas como homenagem aos que se dispuseram a se dedicar a tarefas ora árduas, ora extremamente gratificantes, com vistas ao contínuo aprimoramento da pesquisa, da produção científica, do ensino e das atividades de cultura e extensão, da guarda e expansão de seus acervos, mas sobretudo para registrar e lembrar continuamente a história da instituição. Por trás de cada foto há a vida coletiva da instituição, que pulsou ao longo da história e que contribuiu, em cada período, com seu contexto específico, para a construção do patrimônio intelectual e cultural extremamente valioso do IEB.

Por que o IEB demorou tanto para providenciar sua galeria de dirigentes? Talvez uma resposta plausível se encontre no fato de só agora dispor de instalações físicas dignas e adequadas para uma instituição de seu porte. O espaço precário das Colmeias, onde se situou por muitos anos, depois de ter se mudado do prédio de Geografia e História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), contribuiu para que algumas medidas de ordem institucional fossem deixadas de lado, sendo a Galeria dos Dirigentes um dos exemplos mais visíveis dessa situação.

Em 2018 finalizaram-se as obras necessárias para a mudança completa do IEB, das Colmeias para o Espaço Brasiliana, assegurando a todos os setores condições físicas adequadas para o bom desenvolvimento de suas atividades e à altura de seu patrimônio intelectual e cultural. No amplo espaço da diretoria, situa-se a sala do Conselho Deliberativo, lugar propício para acolher a Galeria dos Dirigentes. As fotos,

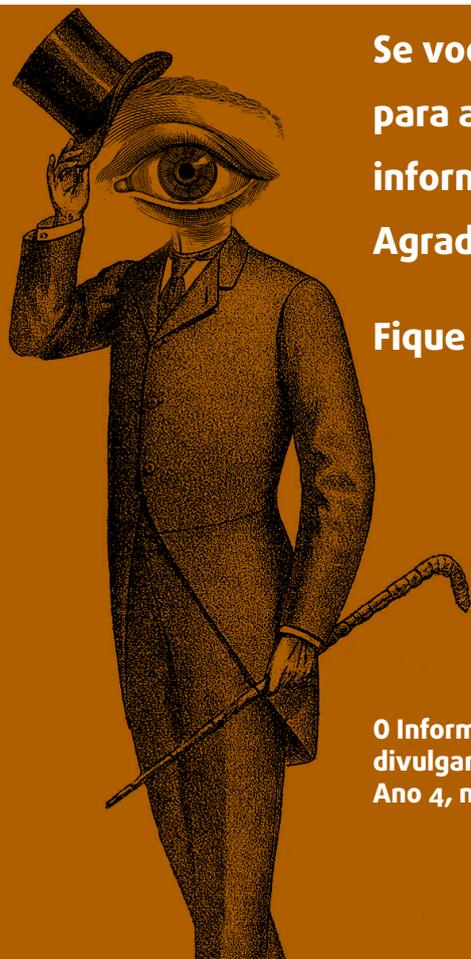
feitas por Ernani Coimbra Rodrigues, seguem o mesmo padrão a partir da gestão a partir da gestão das professoras Ana Lucia Duarte Lanna e Marta Rosa Amoroso. A outras foram retiradas do arquivo fotográfico do IEB, selecionadas, preparadas e enquadradas por Elisabete Marin Ribas, Pedro Bolle e Bianca Dettino. Recorreu-se a esse procedimento porque se quis registrar a aparência física dos ex-diretores e vice-diretores no período em que estavam à frente do IEB, e foi a solução encontrada para o caso dos falecidos. Nesse dia também foi inaugurado o quadro que reproduz a ata da primeira reunião do Conselho Administrativo, assinada por Sérgio Buarque de Holanda. Foi esse o quadro descerrado pela diretora Diana Gonçalves Vidal e pela ex-diretora Sandra

Margarida Nitrini, num ato simbólico da dupla inauguração, a da Galeria dos Dirigentes, iniciativa da gestão anterior, e a do quadro que memoriza a primeira reunião do Conselho Administrativo, iniciativa da diretoria atual. Além de membros do Conselho Deliberativo, da vice-diretora, profa. Flávia Camargo Toni, de professores, funcionários, estagiários e alunos, estiveram presentes nessa cerimônia a profa. Heloísa Liberalli Bellotto (vice-diretora, 1986-1990), o prof. Antonio Dimas (vice-diretor, 1994-1998), a profa. Ana Lucia Duarte Lanna (diretora, 2006-2010), a profa. Maria Angela Faggin Pereira Leite (diretora, 2010-2014) e o prof. Paulo Teixeira Lumatti (vice-diretor, 2014-2018).

Sandra Nitrini
Ex-diretora – IEB/USP



As professoras Sandra Nitrini, ex-diretora, e Diana Vidal, atual diretora, descerram o quadro que reproduz a ata da primeira reunião do Conselho Administrativo do IEB. Foto: Pedro Bolle



Se você tiver alguma indicação de pauta para a próxima edição, pode enviá-la para informeieb@usp.br

Agradecemos sua colaboração.

Fique por dentro do IEB! Acesse nossas mídias.



www.ieb.usp.br/midias

O Informe IEB é um canal de interação entre o(a) diretor(a) e a sociedade para divulgar alguns temas relacionados ao Instituto.
Ano 4, n. 9 . Publicação quadrimestral.

[expediente)

Instituto de Estudos Brasileiros

Profa. dra. Diana Gonçalves Vidal
Diretora

Profa. dra. Flávia Camargo Toni
Vice-diretora

Divisão de Apoio e Divulgação

Pedro B. de Meneses Bolle
Chefe técnico de divisão

Difusão Cultural

Maria Izilda Claro do Nascimento Fonseca Leitão
Supervisora técnica de serviço - organizadora do Informe IEB

Produção

Cleusa Conte Machado
Revisão e preparação de textos

Flavio Alves Machado
Diagramação